

«O relógio dos poemas: estes e outros dias»

Apresentação da obra «O Livro do Anjo» de Pompeu Miguel Martins

* João Ricardo Lopes

Num poema que se tornou célebre, como aliás toda a sua produção poética, Bertolt Brecht escrevia que «**são maus [os] tempos para o lirismo**», anunciando de certo modo a mudança dos tempos e a pouca ou quase nenhuma importância que nos nossos dias o grande público dá à poesia. Ao apresentar «**O Livro do Anjo**» de Pompeu Miguel Martins, sinto o dever de lembrar, em nome dos poetas e da Literatura, que ninguém está dispensado de conhecer esta arte e o valor que ela indiscutivelmente constitui.

A poesia nasce do gesto criador do homem, da necessidade e desejo de fazer demorar pequenos ou grandes instantes no registo eterno da memória. A poesia, como qualquer tipo de arte, pretende alongar tanto quanto possível o relógio natural do homem, vencendo a finitude que sempre o acompanha e contra a qual funciona, em última análise, a própria arte.

«**O Livro do Anjo**» de Pompeu Miguel Martins parte desta relação complexa e paradoxal do Homem (em particular do Poeta) com a sua duração, recriando um Tempo que é, simultaneamente, vários tempos – passado, presente e futuro – motivados sobretudo pelo olhar atento e transparente do poeta que, observando o exterior ou recordando-se de um instante já vivido, já pretérito, fracciona e destaca os quase imperceptíveis instantes do mundo, dando-lhe voz, dando-lhe corpo, dando-lhe matéria poética, ou, se quisermos, eternizando-os tal e qual uma fotografia que a alma imprimiu.

O título deste livro, a todos os níveis sugestivo e simbólico, merece-nos uma atenção muito particular. **Anjo**, podendo conotar-se com o seu referente tradicional de mensageiro de Deus, de figura tutelar e mediadora, é muito mais do que isso, sugerindo a revelação da linguagem cifrada da natureza artística, a transformação da perda (das coisas acontecidas e irrecuperáveis no tempo) em matéria que a poesia retoma e reconstrói. Anjo é o próprio poeta!

Assim, «**O Livro do Anjo**» é o livro do Poeta, o caderno onde se fixam impressões de todos os dias, mas sobretudo a experiência amarga da erosão do tempo, do tempo que apenas permanece na memória.

* Professor de **Literatura para a Infância** na Escola Superior de Educação do Porto.

Esta obra constitui-se por quarenta e um textos, designados e enumerados de *O Anjo* a *Anjo 40*. Logo no poema inicial, *O Anjo*, o poeta introduz-nos o estilo breve, límpido, quase lapidar, heterossilábico, variado, equilibrado e profundamente imagético dos seus textos. Aí, se diz que «*As palavras do meu caderno/ enrolam-se-me no dedos. [...]/ Caderno onde afogo os dias [...]/ no meio de tanta água, de tanto infinito*» e onde se fundem precisamente os papéis do **poeta** e do **anjo**: «*Como se assim fosse o anjo e este o seu livro*».

Ao longo dos quarenta poemas seguintes, várias temáticas se interseccionam e se justapõem, tais como o **amor carnal** e a ausência da mulher, a **interioridade do ser**, a passagem do tempo, os sinais do envelhecimento e concomitante **sentimento de perda**, a própria **reflexão metapoética**. Estamos perante um livro que mantém, assim, diversas portas e janelas abertas sobre a vida, por onde o rosto escondido ou semi-escondido do sujeito lírico observa e espreita, pensa e escreve: «*Por detrás da janela escondo o rosto./ Mais atrás, uma mesa de sândalo/ vai suportando o peso do nosso tempo./ Nesta forma de ferrar o destino,/ os gritos que se ouvem, e que chegam/ de fora, são para mim apenas chuva*» (Anjo 3).

De entre o mosaico de temas e de motivos poéticos que se observam neste livro, um se salienta pela sua frequência – a **invocação da segunda pessoa**, da mulher amada e companheira. Dessa identificação do «tu» com a mulher resulta a sugestão ambígua do amor (do amor carnal e espiritual): «*É possível amar-te/ sendo tu o anjo que traduz/ a noite nas palavras mais/ de carne ou de estrelas*» (Anjo 1).

Vários outros poemas, partindo da presença ou da evocação da mulher retomam a temática do **amor** (de um amor que é forçosamente espiritual, aquando da ausência da mulher, mas que assume uma poderosa sugestão erótica e carnalidade, quando o **eu poético** e a **mulher** se encontram *in praesentia*): «*Espero o corpo despido sobre o sofá [...]/ Brindo o odor do corpo jovem/ e do seu imparável brotar de ventos./ Chamo a profusão desejada/ do corpo em carne...*» (Anjo 4).

A ausência da mulher provoca no poeta uma sensação incomensurável de **perda** e mesmo de **solidão**, ideia expressa, por exemplo, na imagem do «*último pássaro/ a quem pediram que deixasse o céu*» (Anjo 15), sendo um motivo poético que se acentua a partir de *Anjo 23* e que proporciona alguns dos mais belos e criativos poemas d' «**O Livro do Anjo**», exemplo do *Anjo 18*: «*Tinha para ti uma carta de areia,/ restos de agosto em palavras de pedra,/ pequeninas, letras mágicas/ que ficam das maresias/ e do teu rosto de menina/ a chamar-me do vento [...]*». Aqui o passado, ficou dentro de uma «carta de areia», escrita num tempo de que só chegam «restos de agosto» e cuja evocação é feliz e dolorosa, ao mesmo tempo: feliz porque as palavras são «*de pedra*», tão imperecíveis quanto «*mágicas*»; dolorosa porque «*os dias nascidos do mar*», dias de juventude, se não prolongam e antes «*morrem/ e aí secam como os meus olhos*».

No decurso do livro, o leitor mais atento compreenderá também a importância do **interior da casa** como espaço memorial e afectivo do poeta, lugar de recolhimento e de meditação, de saudade e, naturalmente, de perda: «*Nos móveis tenho guardadas as cidades/ onde te espalhei ao longo do tempo [...].*» (Anjo 11).

É dentro da casa (real ou mesmo onírica) que o poeta se situa quando descreve o exterior, estabelecendo com este complexas ligações, que passam por descrevê-lo fisicamente (como se de uma **tela** falássemos) ou, muitas vezes, evocando-o como pretexto para reflexões mais ou menos introspectivas, um pouco à maneira de Fernando Pessoa: «*[...] Da janela de vê-se um pinhal/ com inverno à volta e um lenhador/ vestido com palavras de lã cinzenta./ Talvez chova sobre a terra/ e o frio volte a emoldurar a caixilharia/ gasta e húmida desta casa [...].*» (Anjo 7).

Finalmente, um outro aspecto nos seduz neste livro: o esquema interseccional. Uma das intersecções mais vezes efectuada e também com maior mestria é a mistura de sensações e de sentidos, chamada **sinestesia**. Apreciem- -se exemplarmente estes versos de Anjo 35 : «*Uma palavra de açafião/ devolvia-me as tuas mãos inteiras/ ao sabor dos ventos/ que agora te espalham/ como gritam os cactos/ mais solitários dos nossos desertos.*» A intersecção entre a cor, o som, o odor e o paladar, num apelo sensorial extraordinário, é assegurada por uma outra intersecção, a do passado com o presente (expressa no predicado «*devolvia-me*»).

Sendo profundamente sinestésica, a poesia de Pompeu Miguel Martins é também profundamente imagística (ou imagética), socorrendo-se de um inesperado raciocínio visual, perceptível na « *... neve/ cobrindo a cidade de asas e de anjos,/ construindo o inverno ...*» (Anjo 22), ou na « *... explosão/ dos pássaros que do fogo vão saindo.*» (Anjo 21) ou no **cromático** (tantas vezes sugerido) como no extraordinário caso do «*lenhador/ vestido com palavras de lã cinzenta*» (Anjo 7).